

Prejudicado Pela Desorganização o Concêrto de Bossa Nova em Nova York

NOVA YORK, 21 (De Isaac Piltcher, especial para O GLOBO) — O austero e tradicional Carnegie Hall, um dos mais importantes centros artísticos do mundo, foi vítima, hoje, de um concêrto de "bossa nova", que, pode-se dizer, decepçionou o grande público presente. O espetáculo começou com o teatro inteiramente lotado, havendo muitas pessoas pago três dólares para ficar de pé, pois grande era a expectativa causada pela intensa propaganda promovida com o apoio do nosso Consulado e do IBC. Pelo meio do concêrto, entretanto, metade do público se havia retirado. O Carnegie Hall é grande demais para "bossa nova", que exige ambiente mais íntimo e, principalmente, que o público saiba o que se está cantando. Os norte-americanos não entendem português e os cantores não prepararam seus números em inglês. A "bossa nova", até agora uma sensação musical, neste país, em discos, poderá ter sido a grande prejudicada com o concêrto.

Os Artistas Não Convenceram

Nossos artistas, ao vivo, não convenceram o público. João Gilberto, cantando sozinho ou acompanhado ao piano por Tom Jobim, parecia inteiramente perdido com o seu fio de voz. Tom Jobim, cantou apenas dois números, sendo de todos o que mais agradou, juntamente com Carlos Lira, que cantou apenas uma vez. Em compensação, Cármen Costa, Bola Sete e um certo José Paulo, que vivem nos Estados Unidos há anos, e nada têm a ver com "bossa nova", fizeram um número típico para enganar marinho da Praça Mauá e cantaram quanto quiseram. Em seguida, cantou Agostinho dos Santos, também vários números. Não há recital de "bossa nova" que resista depois desses dois.

Desorganização Geral

A dificuldade do idioma prejudicou muito o concêrto, já de si prejudicado pela desorganização e falta de ensaios. Os artistas nem sabiam por onde entrar e sair do palco. Tudo improvisado, sem nenhuma decoração, mas com dezenas de microfones. O concêrto foi gravado, prejudicando a seqüência dos números a intensa movimentação dos microfones e do equipamento eletrônico.

Os conjuntos de Sérgio Mendes e Castro Neves agradaram mais, especialmente o primeiro. Além de tudo, o concêrto foi longo demais, quase duas horas, e a primeira parte só com brasileiros.

Os maiores aplausos da noite foram para Luís Bonfá, já conhecido do público norte-americano, que cantou músicas de "Orfeu", também muito conhecidas.

resta de microfones (11, pelo menos, numa contagem só por curiosidade), que transmitiam para duas agências governamentais, uma rede de televisão e para uma companhia gravadora, mas que pouco ajudou a audiência no Carnegie Hall. O sistema de amplificação reduziu os conjuntos brasileiros a um monótono aglomerado. Os cantores e violonistas que enfrentaram os microfones mais ou menos sozinho, ainda conseguiram fazer-se ouvir melhor. Na verdade, porém, os cantores tinham muito pouco a oferecer: muito informais, podendo ser classificados como cantores de rotina. João Gilberto, de quem se diz ser o líder do movimento "bossa nova" no Brasil, estava muitas polegadas acima disso, mas com um estilo extremamente íntimo que se perdeu no Carnegie Hall. O único brasileiro que fez impressão positiva foi Luís Bonfá, guitarrista de estilo sutil e lírico. Lamentavelmente, o programa estava tão repleto que não foi possível ouvir-se Lalo Schifrin, cujas interpretações da "bossa nova" têm sido bem mais interessantes do que tudo quanto os visitantes brasileiros conseguiram fazer passar através do sistema de amplificação.

A Crítica Brasileira

Sylvio Túlio Cardoso, crítico de discos e música popular de O GLOBO, assim se expressou sobre o concêrto no Carnegie Hall:

— Luís Bonfá e Agostinho dos Santos foram os mais aplaudidos. O festival de "bossa nova" no Carnegie Hall foi prejudicado pela quantidade excessiva de participantes e pela desorganização na sua apresentação ao público. Os conjuntos Bossa Rio e de Castro Neves tiveram atuações brilhantes. Outros artistas aplaudidos foram Cármen Costa, Bola Sete, Sérgio Ricardo, Tom Jobim e João Gilberto.

O número muito grande de artistas obrigou os organizadores (?) do espetáculo, depois dos números das "estrelas": Bonfá, Ton e mais Cármen Costa, Bola Sete, José Paulo e os dois conjuntos, a empurrar o resto do pessoal, de uma só vez para o palco, cada um cantando um número: Chico Feitosa, Normando, Menescal e Sérgio Ricardo. Carlos Lira recusou-se a entrar no bôlo; entrou depois e cantou sozinho.

Na segunda parte do concêrto, com o Carnegie Hall apenas com meia lotação e com muita gente ainda saindo, apareceu o conjunto de Stan Getz, tocando musiquinhas mais do que batidas, a começar por "Fôlhas Mortas". O palco nu, por inteiro e a total desorganização do espetáculo mais dava a impressão de uma festinha de fim de ano, transformando o pobre Leonard Feather, um dos mais importantes críticos musicais dos Estados Unidos, e incentivador da "bossa nova", em mestre de cerimônia de subúrbio "Agora vai entrar fulano e depois entrará sicrano"...

Em resumo: embora alguns números tenham agradado, o resultado geral do concêrto foi dos mais negativos, o que é uma pena. Compareceu a colônia brasileira de Nova York, inclusive o Embaixador Afonso Arinos. No intervalo, o IBC ofereceu um cafêzinho, o que, para muitos, foi a melhor parte do programa.

A Crítica

Norte-Americana

Noventa minutos depois do concêrto, o "New York Times" publicou a opinião do seu crítico musical, John S. Wilson, que afirmou:

"Foi muito bom que os interessados em difundir a "bossa nova" tivessem conseguido abrir a sua brecha antes do Concêrto de Bossa Nova, da noite de ontem, no Carnegie Hall. Uma dúzia de cantores e instrumentistas do Brasil, terra da "bossa nova", estava à mão, além de dois conjuntos norte-americanos que têm ajudado a popularizar a "bossa nova" neste país. Tiveram de enfrentar uma flo-